

Práticas Organizativas: Um Estudo sobre o Congado na Região do Triângulo Mineiro

Alex Fernando Borges, Alessandro Gomes Enoque, Cairo Mohamad Ibrahim Katrib e Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em compreender as práticas de organização das festas de Congado realizadas em uma cidade da região do Triângulo Mineiro. Para tanto, analisamos as ações dos congadeiros à luz de um quadro teórico construído a partir dos conceitos de prática e de organizar (*organizing*). Metodologicamente, recorremos ao método qualitativo, envolvendo o estudo de cinco ternos de Congado e dos agentes vinculados a essa atividade cultural. Esperamos, com este movimento, tornar visível uma realidade que merece maiores aprofundamentos, abrindo caminho para a realização de pesquisas que problematizem estes objetos à luz dos estudos organizacionais.

Palavras-chave

Organizar. *Organizing*. Prática. Religião. Estudos Organizacionais.

Abstract

The purpose of this paper is to comprehend organizing practices of *Congado* festivities in a city at the *Triângulo Mineiro* Region, Minas Gerais State. In order to do so, we analyze the actions of agents (*congadeiros*) through a theoretical framework grounded in concepts, such as practice and organizing. We based our research on a qualitative approach, studying five *Congado* groups and the agents related to this cultural activity. We expect to make visible a reality that deserves further understanding, generating new possibilities for researches that problematize these objects in the perspective of organizational studies.

Keywords

Organizing. *Congado*. Practice. Religion. Organization Studies.

INTRODUÇÃO

As diversas representações do Congado no campo cultural, social, simbólico, religioso e organizacional, oportunizam reflexões e alternativas instigantes de investigação. A partir das narrativas cotidianas do Congado, podemos percorrer caminhos que nos propiciam entrever, pelas histórias e memórias dos atores sociais, os muitos olhares e as diversas linguagens que permeiam as práticas e a ação coletiva dos congadeiros.

Este percurso oferece-nos alternativas para o entendimento do cotidiano deste tipo particular de organização, permitindo problematizar a construção de práticas que contribuem para a efetivação dos festejos do Congado. Tais práticas, as quais envolvem trabalho, suor, música, linguagens múltiplas das representações da cultura desses grupos sociais, sustentam-se nas várias narrativas que se formam ao redor desse mosaico festivo, cujas peças, ao mesmo tempo em que se (re)encaixam, deixam fendas a serem desveladas pelo olhar atento do pesquisador, revigorando possibilidades de compreensão dessa realidade distinta (PESAVENTO, 2004).

A festa do Congado, a qual ora propomos melhor compreender, edifica-se num universo imagético muito rico. Esta manifestação cultural é marcada por momentos festivos e devocionais que se materializam em diferentes tipos de representações, as quais se (re) constroem alicerçadas numa ludicidade que procura trazer à tona o passado, presentificá-lo e atualizá-lo. Esta iniciativa, por sua vez, permite a construção de um sentido que perpassa a manifestação visual, já que é uma tentativa de se manter viva uma tradição secular e, por isso, expressa identidade e se edifica enquanto espaço de persistência cultural e étnica de um grupo que sai do anonimato e se firma como mantenedor de práticas culturais ancestrais no tempo presente através da reescrita de muitas histórias, algumas que se perderam no ir e vir das lembranças de muitos sujeitos e outras que se firmam numa perspectiva lúdica, imagética e/ou identitária.

No Congado, existem conhecimentos significativos que permeiam a configuração deste tipo de organização, não se reduzindo, meramente, ao conhecimento herdado e reproduzido estanquamente. Estes saberes efetivam-se e cristalizam-se nos lugares de memória, ou seja, nas casas, quintais, espaços de sociabilidade e trabalho desses congadeiros. As narrativas em torno dos rituais que presentificam a festa do Congado, constroem nexos diferenciados, de acordo com a visão de cada sujeito que relembra as festas do passado. Porém, uma coisa em comum acontece: cada sujeito ressignifica, a seu modo, sua fé, sua devoção, sua cultura e sua identidade, seja através dos modos de sociabilidades firmados, seja através de sua contribuição para a realização da festa, seja por meio de suas vivências compartilhadas.

Diante deste cenário, a organização de festas populares como o Congado constitui-se como um campo de possibilidades múltiplas de pesquisa. Conforme será visto ao longo deste trabalho, os processos de organização de e para a festa da congada ensejam uma variedade de olhares de cunho organizacional, os quais perpassam desde dinâmicas, como a tomada de decisão de seus principais agentes, até as relações de poder presentes nas estruturas hierarquizadas dos ternos, a divisão sexual do trabalho, a cultura, os valores e a identidade dos agentes e da coletividade organizacional, as estratégias de ação, dentre tantas outras. Apesar disto, nota-se, no âmbito dos estudos organizacionais, um certo silenciamento

quanto à apreensão das especificidades deste tipo de objeto, fato que não é observado, pelo menos mais recentemente, em outras manifestações culturais, artísticas e/ou religiosas, como por exemplo o carnaval (TURETA, 2011; DUARTE, 2013; GAIÃO; LEÃO, 2013; TURETA; ARAÚJO, 2013). Sendo assim, torna-se relevante procurar endereçar esforços de investigação para explorar as particularidades vinculadas à organização das festas de Congado, contribuindo para os estudos organizacionais por meio da análise de um objeto relativamente desconhecido e negligenciado no campo da Administração.

Com base nisso, o objetivo do presente trabalho consiste em compreender as práticas de organização das festas de Congado realizadas em uma cidade da região do triângulo mineiro, Estado de Minas Gerais. Convém destacar, neste ponto, que este artigo, em especial, não tem como objetivo compreender ou até mesmo problematizar as origens da festa e suas particularidades em relação a outras manifestações culturais ou religiosas em nosso país, em geral, e na região do Triângulo Mineiro, em especial. A abordagem que queremos propor parte de uma leitura das ações dos congadeiros à luz de um quadro teórico construído a partir dos conceitos de prática e de organizar (*organizing*) (BAKKEN; HERNES, 2006; CZARNIAWSKA, 2008a; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI; CETINA; SAVIGNY, 2001; TURETA, 2011; WEICK, 1979; WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005), assumindo a organização da festa e a organização dos ternos enquanto um conjunto de práticas marcadas por aspectos culturais e sociais que convergem para a realização do Congado em si e para a manutenção desta tradição. Metodologicamente, este trabalho recorre ao método qualitativo, envolvendo o estudo de cinco ternos de Congado e dos atores sociais vinculados a esta atividade cultural. Espera-se, com este movimento, tornar visível uma realidade que merece maiores aprofundamentos, abrindo caminhos para a realização de pesquisas que problematizem esses objetos à luz dos estudos organizacionais.

O CONTEXTO DA PESQUISA: O CONGADO ENQUANTO MANIFESTAÇÃO CULTURAL E RELIGIOSA

As Congadas são objeto de estudo de vários folcloristas, sociólogos, antropólogos, dentre outros (ANDRADÉ, 1982; ARAÚJO, 1973; BRANDÃO, 1978; CASCUDO, 2000; GOMES; PEREIRA, 1988; GIRARDELLI, 1981). A maioria dos pesquisadores valoriza o Congado como parte integrante do folclore brasileiro, sem se preocupar com sua dinamicidade, apegando-se, meramente, ao entendimento dos rituais ou dos festejos de forma isolada de sua totalidade e da ação dos agentes em sua estruturação.

A origem das Congadas no Brasil associa-se à vinda dos povos africanos de origem Banta, oriundo das regiões do Congo, Moçambique, Mina, Angola, entre outras, os quais, no Brasil, se tornaram escravos para servirem de mão de obra nas lavouras de cana de açúcar, na mineração, entre outras atividades (PRANDI, 2000). Outros pesquisadores afirmam que a Congada representa a luta entre reinos rivais africanos, ou seja, entre os reinos comandados pelo Rei Coriongo e pela Rainha Ginga. Algumas versões ainda apontam que as Congadas expressam a luta entre mouros e cristãos na França. Desta luta, resultou o aparecimento de duas manifestações representativas desse mesmo acontecimento: as Cavalhadas, adotadas

pelos nobres, e as Congadas, introduzidas entre os escravos como forma de amenizar as diferenças étnicas (VASCONCELOS, 1966). Por fim, existem aqueles que se firmam no imaginário popular, afirmando, com base nisso, serem as Congadas a representação da Corte de Chico Rei, o qual, após encontrar ouro numa mina abandonada em Minas Gerais, comprou a sua liberdade e a de vários negros e, como forma de comemoração, saíram às ruas de Araxá-MG, festejando tal intento e daí se fixando enquanto tradição. Acompanhavam a corte de Chico-Rei muitos negros que tocavam e dançavam, agradecendo pela libertação alcançada, inclusive construindo uma capela em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a Santa Efigênia como forma de agradecimento. Tal fato, inclusive, poderia explicar a forte presença desse tipo de manifestação no Estado de Minas Gerais (LUCAS, 1999; SOUZA, 2002) e na região do Triângulo Mineiro (SILVA, 1996; SILVA, 1999). Se levarmos em consideração essas afirmativas, veremos que as suposições a respeito da origem da Congada no Brasil fazem sentido. Neste trabalho, levaremos em consideração essas hipóteses, com a ressalva de que muitos estudiosos as têm como lendárias.

A partir desse contexto, o Congado tem sua efetivação e evolução no Brasil de forma bastante diferenciada. Em algumas regiões, esta tradição sobrevive por meio de pequenos grupos que persistem, todos os anos, em vivenciar esta prática cultural. Entretanto, em outras regiões, ela ganha uma dinamicidade expressiva, fazendo com que, durante o período dos festejos, os agentes e a própria cidade passem a viver em função de sua realização. Dessa maneira, o Congado acaba se constituindo como uma manifestação cultural e religiosa marcada pela persistência e resistência da cultura negra, uma vez que se constitui, em sua essência, pela espiritualidade advinda de religiões africanas, como o Candomblé e a Umbanda (TOMAZ, 2000).

Segundo Prandi (2000), no que se refere à cultura e religiosidade africana, muitas práticas e cultos ancestrais ainda hoje existem em nosso meio, mesmo que modificados pela forte dominação católica no país. Como exemplo, Prandi (2000) aponta a adoração e o culto às divindades das cidades consideradas sagradas existentes no território africano. O autor afirma também que grande parte dessas celebrações foi incorporada à memória cultural religiosa do Brasil em cidades com forte presença negra como as do Estado da Bahia. Nessas localidades, os cultos a Xangô, Iemanjá, Oxóssi, Oxum e Logun-Édé são práticas presenciáveis no Candomblé e Umbanda e acabaram se tornando práticas presenciáveis entre a população brasileira, sofrendo ramificações e remodelações de acordo com cada região.

Como destacam Berkenbrock (2002) e Ferretti (1995), as Congadas são manifestações tradicionalmente vinculadas à cultura negra, as quais passam a ser consumidas como cultura de massas e como entretenimento. De acordo com a perspectiva destes autores, o Congado sofreu um processo de “domesticação” e de “folclorização”, divulgado pela cultura de massa, reforçando seu sentido turístico enquanto espetáculo exótico. Não obstante, isso não quer dizer que a Congada seja um mero acontecimento folclórico, paralisado no tempo sem sofrer alterações. As modificações são visíveis desde as músicas até os complementos das fardas dos dançadores. E é justamente isto que sustenta a resistência desses grupos e a persistência em manter viva a cultura afro-brasileira, cuja evidência articula elos entre o

mundo real e o sobrenatural, ou seja, a fé e a tradição se reatualizam e atualizam todos os anos através da participação dos diferentes sujeitos que vivem a festa de forma dinâmica.

Sendo assim, por se tratar de uma dinâmica ainda desconhecida no âmbito dos estudos organizacionais, busca-se, neste trabalho, caracterizar o Congado como uma organização e lançar luzes sobre as ações e práticas dos agentes vinculados a esta manifestação. Para isso, na próxima seção, serão articulados os conceitos de prática e de organização como prática (*organizing*), de modo a formar um quadro teórico que possibilite a compreensão do Congado enquanto manifestação cultural, artística e religiosa, mas também organizacional.

PRÁTICAS ORGANIZATIVAS E O ORGANIZING: ASPECTOS TEÓRICOS

A relação entre a teoria social e os estudos organizacionais tem sido considerada como uma das principais alternativas para a produção científica na pesquisa em Administração (CLEGG; HARDY, 2006). Com efeito, dentro do diverso conjunto de teorias sociológicas que procuram compreender e explicar a(s) realidade(s) social(is) e que são aplicadas para o desvelamento de realidade(s) organizacional(is), podem ser identificados elementos voltados para a explicação de um evento em particular, ora negligenciado, ora subvalorizado na academia, mas que sempre orbita os diferentes objetos de teorização das ciências sociais: a perspectiva da prática (GHERADI, 2009; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2001; SCHATZKI; CETINA; SAVIGNY, 2001).

Schatzki (2001) aponta que a abordagem da prática tem encontrado ressonância em várias disciplinas, tais como a filosofia, a história, a antropologia, a sociologia, os estudos em ciência e tecnologia, dentre outras. De acordo com o autor, no âmbito destas disciplinas, os teóricos da prática têm apresentado contribuições para a compreensão de várias temáticas, como a atividade humana, a subjetividade, a racionalidade, os sentidos, o caráter da linguagem, da ciência e do poder, bem como a organização, reprodução e transformação da vida social. Essas contribuições, ao conformar os chamados “estudos baseados em práticas”, estruturam-se teoricamente em contraposição a inúmeras correntes de pensamento, incluindo o intelectualismo, o representacionismo, os diferentes tipos de individualismo (por exemplo, a teoria da escolha racional, o individualismo metodológico, a análise de redes), o estruturalismo, o funcionalismo estrutural, a teoria de sistemas, a semiótica, e algumas variações do humanismo e do pós-estruturalismo (SCHATZKI, 2001).

Vaara e Whittington (2012), ao apresentarem argumentos semelhantes aos de Schatzki (2001), chamam atenção para o fato de que há, pelo menos desde o início da década de 1990, um movimento conhecido como “virada da prática” na teoria social. Esta virada seria, de acordo com os autores, fundamentada nos trabalhos de diversos filósofos e sociólogos, como Heidegger, Wittgenstein, Foucault, de Certeau, Giddens, Bourdieu, Garfinkel, Fairclough, dentre outros – todas elas voltadas para a rejeição e/ou superação dos dualismos clássicos da teoria social tradicional. A partir desse movimento, a análise da prática tem se tornado cada vez mais difundida na Administração, devido à sua capacidade especial de compreender como a ação organizacional é habilitada e delimitada por práticas sociais e organizacionais

(FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011; GEIGER, 2009; ORLIKOWSKI, 2010; VAARA; WHITTINGTON, 2012). Essa concepção tem sido trabalhada em diferentes temáticas e abordagens, tais como nos estudos organizacionais (BAKKEN; HERNES, 2006; WEICK; 1979; WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005; CZARNIAWSKA, 2008a), nos estudos sobre estratégia (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007; VAARA; WHITTINGTON, 2012; WHITTINGTON, 1996; 2002; 2006), empreendedorismo (STEYAERT, 2007; JOHANNISSON, 2011), dentre outras áreas.

Dada a multiplicidade de aspectos vinculados à teoria da prática, Shatzki (2001) reitera que não é surpreendente a inexistência de uma abordagem unificada. A maioria dos pesquisadores que teorizam sobre a prática a concebem como conjunto de atividades. Outros teóricos definem as práticas como as habilidades, conhecimentos tácitos e pressuposições associados às atividades, enquanto outros, sobretudo aqueles provenientes da filosofia e das ciências sociais, identificam as práticas como o conjunto das atividades humanas. Já no âmbito dos estudos em ciência e tecnologia, há a inclusão de elementos não-humanos, como objetos, artefatos, máquinas e outros equipamentos relacionados às atividades e à prática. Não obstante, apesar dessa diversidade, as concepções sobre a prática assumem similaridades na crença de que fenômenos como o conhecimento, os sentidos, as atividades humanas, a ciência, o poder, a linguagem, as instituições sociais e as transformações históricas ocorrem em campos de práticas. Estes campos de práticas são o conjunto total de práticas humanas interconectadas. Nesse sentido, a abordagem da prática pode ser demarcada como todas as análises que: a) desenvolvem uma apreensão das práticas, seja o campo das práticas ou algum subdomínio dela; ou b) tratam o campo de práticas como o local para o estudo de sua natureza e transformação. Adicionalmente, um ponto central para os teóricos da prática é a sua concepção enquanto um conjunto mediado de atividades humanas centralmente organizadas ao redor de uma compreensão prática compartilhada. Assim, tanto os agentes como as atividades são constituídos por meio de práticas (SCHATZKI, 2001).

Para Feldman e Orlikowski (2011), a teoria da prática pode ser posicionada de acordo com três abordagens:

- a) um foco empírico, sobre como as pessoas agem no contexto organizacional. Esta abordagem reconhece a centralidade da ação individual para os resultados organizacionais e reflete um reconhecimento crescente da importância das práticas nas operações contínuas das organizações. Responde ao “o que” do olhar sobre a prática – um foco nas atividades cotidianas de organização e nas formas rotineiras e improvisadas;
- b) um foco teórico, compreendendo as relações entre as ações que as pessoas executam e as estruturas da vida organizacional. Esta abordagem assume o aparato da teoria sobre a prática explicitamente. Embora inclua um foco sobre a atividade diária, ela é criticamente preocupada com a explicação específica daquela atividade. Responde ao “como” do olhar sobre a prática – a articulação de relacionamentos teóricos particulares que explicam a dinâmica da atividade cotidiana, como elas são geradas, e como elas operam dentro de diferentes contextos e ao longo do tempo. Demanda que pesquisadores engajem com a lógica central de como as práticas são produzidas, reforçadas e modificadas, e com as consequências propositais e não propositais;

- c) um foco filosófico, no papel constitutivo das práticas em produzir a realidade organizacional. Esta abordagem envolve a premissa de que a realidade social é fundamentalmente constituída por práticas, isto é, ao invés de ver o mundo social como externo aos agentes ou como socialmente construído por eles, esta abordagem vê o mundo social como trazido à tona por meio da atividade cotidiana. Responde ao “por que” do olhar sobre a prática – um foco nas atividades cotidianas é crítico devido ao fato de que as práticas são compreendidas como os elementos constitutivos da realidade social.

Por fim, cabe ressaltar que as teorias sobre a prática representam uma ontologia social distinta. As práticas são fundamentais para a produção da realidade social, devendo ser assim utilizadas para reconsiderar e redefinir o fenômeno de interesse (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Não obstante, Feldman e Orlikowski (2011) afirmam que, como um paradigma teórico, a teoria da prática é ainda um cenário intelectual relativamente não estabelecido, com múltiplas fontes, influências e instâncias. Sendo assim, não existe um quadro teórico definitivo sobre teoria da prática amplamente aceito pelos pesquisadores. Apesar disso, a teoria da prática tem demonstrado potencial interessante para a análise de fenômenos sociais e organizacionais. A prática é resultante da noção de que a vida social consiste em uma produção contínua, e assim emerge a partir da ação recorrente das pessoas (FELDMAN, ORLIKOWSKI, 2011). Neste contexto, a relação entre instâncias específicas da ação e do mundo social no qual a ação acontece é crítica para a teoria da prática, e envolve os seguintes aspectos principais, segundo Feldman e Orlikowski (2011): a) as ações são consequências da produção da vida social; b) os dualismos (objetividade e subjetividade, pensamento e ação, estrutura e agência, indivíduo e instituição, livre arbítrio e determinismo etc.) são rejeitados como forma de teorização, oferecendo à teoria da prática caminhos para redefinir e reintegrar conceitos que foram separados e polarizados em outras teorias; e c) as relações entre os fenômenos são mutuamente constitutivas, ou seja, nenhum fenômeno pode ser visto de forma independente de outros fenômenos. A natureza contínua desse relacionamento constitutivo indica que regularidades sociais estão sempre “em construção”; isto é, são realizações contínuas (re) produzidas e possivelmente transformadas em cada instância da ação.

Portanto, a partir das evidências teóricas acima apresentadas, as teorias sobre a prática parecem possuir cada vez mais valor e importância para os teóricos organizacionais. A organização contemporânea é cada vez mais compreendida como complexa, dinâmica, móvel, transiente e sem precedentes. Tal interpretação denota a necessidade de abordagens que irão auxiliar no processo de teorização acerca desses novos tipos de fenômenos indeterminados e emergentes (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Sendo assim, notam-se contribuições relevantes para a compreensão das organizações a partir da perspectiva da prática. No bojo desta discussão, surge o conceito de *organizing*, ou “organizar”.

De acordo com Gherardi (2009), há, nesse contexto da abordagem da prática, uma transição da noção de organização para a noção de organizar. Tureta e Araújo (2013) ressaltam que o enfoque dado às práticas no âmbito dos estudos organizacionais está alinhado a uma

preocupação para com aquilo que os agentes fazem nas organizações enquanto realizam suas atividades. Em outros termos, segundo os autores, isso significa visualizar o processo de organizar como algo em constante estado de (re)constituição.

Seguindo essa mesma linha de argumentação, Duarte e Alcadipani (2013), devidamente fundamentados nas contribuições de Weick (1979), Czarniawska (2008a) e outros autores filiados a essa temática, apontam que os estudos sobre o organizar representam uma abordagem processual, na qual as organizações e os fenômenos organizacionais não são compreendidos como entidades fixas, homogêneas e estáveis, passando a ser interpretados como processos ou práticas de organização (*organizing*). Nesse sentido, os autores defendem haver uma mudança fundamental na forma de apreensão desse objeto, buscando entender as organizações como elas acontecem, e visualizá-las como verbos e não substantivos, sugerindo assim uma lente processual e temporal.

Bakken e Hernes (2006) reforçam essa última concepção, afirmando que a distinção entre organizar (verbo) e organização (substantivo) permite a apreensão de processos e não apenas entidades, o que, segundo os autores, significaria uma mudança ontológica importante nos estudos organizacionais. Ao deslocar a ênfase das tradicionais análises estruturais e funcionalistas, essa abordagem permitiria a análise de micopráticas heterogêneas do organizar. Assim, em vez de “serem” organizações, elas estão continuamente “se tornando” organizações, ou seja, em um processo de construção, revelando dinâmicas ocultas relevantes para o organizar (DUARTE; ALCADIPANI, 2013). Em uma linha de raciocínio semelhante, Schatzki (2006) expõe que as organizações assim o são à medida que acontecem. O “acontecimento” de organizações, segundo o autor, possui dois componentes básicos: o desempenho de suas ações e práticas constituintes e a ocorrência de eventos em que os arranjos materiais dão suporte às atividades.

Assim, para Duarte e Alcadipani (2013), falar de organizar consiste em considerar que as organizações estão constantemente em curso ativo de ações; é compreendê-las enquanto fenômenos heterogêneos emergentes, sendo que o substantivo “organização” existiria somente como um resultado contínuo do organizar, isto é, como conjuntos situados de práticas de organizar que formam coletivamente a realidade social. O retorno ao *organizing*, então, mostra-se como uma abordagem alternativa às metateorias organizacionais, lançando um novo olhar sobre as organizações a partir da sua perspectiva processual, heterogênea e precária, e chamando a atenção para o fato de que as diferentes realidades organizacionais devem ser compreendidas como resultados do organizar e não como conceitos tidos como certos, naturalizados ou não passíveis de questionamentos (DUARTE; ALCADIPANI, 2013).

Em suma, essa abordagem parece enriquecer a análise organizacional, na medida em que compreende as organizações e os diversos fenômenos associados a esses objetos como resultados de processos e ações continuamente produzidos. A partir dessa concepção, nada existe de antemão, sem preceder os processos de organizar; são estes que compõem as diferentes realidades e contextos organizacionais, os quais estão em permanente construção e é essa continuidade que revela a aparente estabilidade das mesmas. Assim, passa-se a

considerar que realidades organizacionais não são imutáveis ou estabelecidas *a priori*, mas sim construídas a partir de processos de organizar, os quais são permeados por elementos heterogêneos (DUARTE; ALCADIPANI, 2013).

Por fim, Alcadipani e Hassard (2010) ressaltam que analisar o organizar ao invés de organização envolve não apenas uma mudança de cunho metodológico, mas também um posicionamento político. Tal posicionamento, por sua vez, seria desejável e necessário, uma vez que demanda uma série de reorientações de natureza ontológica, epistemológica e metodológica, em relação à pesquisa organizacional tradicional. Sendo assim, este trabalho emprega as concepções de práticas organizativas e de organizar em um sentido amplo, inspirado pela pesquisa de Tureta (2011) sobre o carnaval, para o estudo das práticas de organização das festas de Congado em uma cidade da região do Triângulo Mineiro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, empregou-se o método qualitativo de pesquisa. A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão dos significados que são atribuídos a um determinado fenômeno social, provenientes da interpretação efetuada pelos atores sociais que vivenciam o fenômeno em investigação (CRESWELL; CLARK, 2007). Godoi e Balsini (2006) e Godoy (2013) seguem esta perspectiva ao afirmarem que a ênfase da pesquisa qualitativa reside nos processos e nos significados que ocorrem no âmbito de uma realidade social. Os dados qualitativos são representações dos atos e das expressões dos indivíduos. Neste sentido, o objetivo da pesquisa qualitativa consiste em interpretar os significados e as intenções dos atores sociais, de modo que os mesmos indiquem caminhos para a interpretação dos fenômenos por eles vivenciados e da realidade na qual estão inseridos.

Com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa, foram estudados, como unidades de análise, cinco ternos de Congado de uma cidade da região do Triângulo Mineiro. A opção por este tipo particular de organização envolveu, basicamente, a relevância cultural desta manifestação nesta região do Estado de Minas Gerais (LUCAS, 1999; SILVA, 1996), sua dinâmica particular (PESAVENTO, 2004; PRANDI, 2000; TOMAZ, 2000), bem como sua inobservância no âmbito da pesquisa em Administração e nos estudos organizacionais. Além disso, metodologicamente, a noção de organizar se aplica bem ao estudo do Congado, pois uma das premissas dessa abordagem é exatamente a análise de organizações informais e/ou alternativas (CZARNIAWSKA, 2008b; DUARTE; ALCADIPANI, 2013).

A operacionalização da pesquisa de campo deu-se por meio da realização de entrevistas em profundidade, orientadas por um roteiro, e por meio da técnica de observação. Optou-se pela técnica de entrevista por ela permitir a obtenção de dados com maior profundidade e densidade, reunindo um conjunto de evidências que possibilitam compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e a situações em contextos que não foram estruturados anteriormente a partir das suposições do pesquisador (GODOI; MATTOS, 2006). Desse modo, torna-se possível apreender fenômenos particulares como a organização das festas de Congado, assim como obter a interpretação e o significado atribuído pelos

sujeitos entrevistados acerca dos processos que eles próprios vivenciam e influenciam, e que por eles são influenciados, e das práticas que eles executam para a organização dos festejos.

O roteiro de entrevista compreendeu aspectos como a identificação do entrevistado, caracterização de seu perfil pessoal e profissional, e questões relacionadas a elementos como a religião, a história do congado, a trajetória da participação individual no âmbito do congado, o papel desempenhado pelo indivíduo no ambiente organizacional do terno, e o papel desempenhado pelo indivíduo na preparação e na celebração dos festejos. Já a técnica de observação envolveu dois movimentos distintos. Em um primeiro momento, a observação deu-se no decorrer das entrevistas, realizadas na sede dos respectivos ternos, as quais constituem espaços designados para a preparação dos instrumentos, estandartes, vestuário e demais materiais que são fabricados para a realização da festa. Em um segundo momento, o dia dos festejos também foi objeto de observação, com o acompanhamento dos pesquisadores aos diferentes ritos que compõem a festa, desde a alvorada na sede dos ternos até a celebração da missa de encerramento em uma igreja da cidade. As observações foram feitas por, pelo menos, dois pesquisadores, e as impressões dos mesmos foram registradas em um caderno de campo, o qual foi utilizado neste trabalho de forma complementar, dando suporte às análises posteriormente efetuadas, e em caráter confirmatório, permitindo confrontar e comparar essas impressões com os dados coletados por meio das entrevistas.

Foram realizadas oito entrevistas junto a representantes dos cinco ternos de Congado estudados, caracterizadas da seguinte maneira: Terno A (Entrevistada 1 e Entrevistado 2); Terno B (Entrevistada 3 e Entrevistada 4); Terno C (Entrevistado 5); Terno D (Entrevistada 6 e Entrevistada 7); e Terno E (Entrevistada 8). As entrevistas foram gravadas e transcritas em seu inteiro teor, de modo que as falas dos entrevistados pudessem ser recuperadas e posteriormente analisadas à luz do quadro teórico da pesquisa. O material empírico, coletado no período entre janeiro e maio de 2014, reuniu aproximadamente 10 horas de gravação, com tempo médio de 75 minutos por entrevista. Por fim, ressalta-se que os nomes dos ternos de Congado e dos entrevistados foram suprimidos, de modo a garantir o anonimato e a privacidade dos dados coletados.

Como técnica de análise de dados, será empregada a perspectiva da análise de narrativa, adequada para a apreensão de elementos vinculados à prática dos agentes no contexto organizacional (DE LA VILLE; MOUNOUD, 2010). A análise de narrativa consiste em uma técnica de análise voltada para o estudo das narrativas realizadas pelos sujeitos de pesquisa sobre determinada realidade e/ou experiência vivida, permitindo o registro, a identificação, a sistematização e a compreensão da história organizacional (ALVES; BLIKSTEIN, 2006). Sendo assim, Rouleau (2010) considera essa técnica de análise apropriada para o estudo das narrativas da prática, possibilitando uma melhor compreensão desse fenômeno social.

CONGADO: PRÁTICAS DE ORGANIZAÇÃO DA FESTA

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa de campo. Para compreender as práticas de organização do Congado, cabe retomar alguns aspectos

importantes que julgamos pertinentes para o entendimento da lógica interna de funcionamento desses festejos e de suas diferentes possibilidades de manifestação, do ponto de vista social, cultural, religioso e organizacional.

Inicialmente, cumpre destacar que as diferentes concepções presentes no quadro teórico deste artigo convergem para a configuração do organizar enquanto um conjunto de práticas situadas de agentes que atuam visando a construção, legitimação, consolidação, adaptação e transformação de uma organização. Neste sentido, não se fala simplesmente em “organização”, mas sim em um processo de organizar – dinâmico, heterogêneo, multifacetado e permanentemente inacabado – marcado pela ação de agentes na estruturação da vida, do cotidiano e da realidade organizacional.

No caso específico do Congado, verifica-se um conjunto de diferentes práticas desempenhadas pelos agentes envolvidos, as quais, em última instância, convergem para sua caracterização enquanto organização, evidentemente estruturada por meio de diferentes processos de organizar, objetivando disseminar os valores e a cultura negra associada ao espectro das festividades de natureza social e religiosa. Esses processos foram sintetizados, para efeitos de análise, em dois momentos distintos: o organizar enquanto movimento de estruturação de um espaço organizacional do Congado e o organizar enquanto festejo popular.

O ORGANIZAR ENQUANTO MOVIMENTO DE ESTRUTURAÇÃO DE UM ESPAÇO ORGANIZACIONAL DO CONGADO

Num primeiro momento desse processo contínuo e dinâmico de organizar, verifica-se a configuração interna do terno de Congado enquanto um espaço organizacional constituído por um conjunto de práticas organizativas. A construção dos ternos de Congado assume uma perspectiva temporal, delimitada pela sua trajetória histórica, pela sua evolução e pela sua atual configuração. Enquanto tradição, o Congado, na localidade investigada, remonta à década de 1940. Inicialmente na zona rural e, posteriormente, adentrando o espaço do município, essas festas foram marcadas pela participação popular e pela manifestação da cultura negra, em um primeiro momento, buscando seu espaço e sua legitimação, e, no tempo presente, buscando sua resignificação enquanto movimento de resistência cultural e de afirmação perante a sociedade.

Ao longo do tempo, houve a fundação de sete ternos de Congado na cidade, sendo que, dentre os ternos estudados, destacam-se: o Terno A, com 63 anos de fundação, de tradição familiar; o Terno B, ligado à Umbanda, fundado há 25 anos, composto por 40 membros e com regras específicas para participação no grupo; o Terno C, criado há 20 anos, composto por 80 pessoas; o Terno D, com 24 anos de fundação, dissidente de um dos ternos estudados; e o Terno E, com 60 anos de existência, contando atualmente com mais de 150 componentes entre caixeiros, dançadores, cantadores e porta estandartes.

A fundação dos ternos de Congado estudados evidencia um primeiro movimento de configuração desses objetos enquanto organização. Já neste momento, podem ser observadas as primeiras iniciativas, ainda que informais, de estruturação de uma lógica

de funcionamento interno desses ternos, os quais passam a ser organizados com base em algumas regras estabelecidas de acordo com a tradição desse movimento em um nível mais amplo, e de acordo com a ação e interação dos membros do grupo de agentes participantes, em um nível mais específico.

Sendo assim, no âmbito de sua estrutura organizacional, um terno de Congado apresenta diferentes categorizações, tendo cada agente um papel, uma função e uma responsabilidade, o que também acaba por determinar a própria lógica interna de funcionamento do terno de Congado:

[Em um terno de Congado] tem o presidente que é minha avó, as duas coordenadoras, que é minha tia e minha mãe. Depois vêm os capitães, e depois vem a Maria dos estandartes, as meninas dos estandartes, tem o reinado primeiro, o reinado que é o Rei e a Rainha, as dançarinas dos dois estandartes. Aí vem o pessoal que toca os chocalhos, e o pessoal que toca o repilique e o pessoal que toca caixa. E tem os dançarinos. Geralmente é assim (Entrevistada 3).

[No desfile], a primeira figura você lembra a figura do capitão. [Pra ser capitão], é uma qualidade maior ali, sabe. [...] Ele coordena todo o terno, por que ele tem que procurar a alimentação do terno, é como se fosse um pai, pai de todo o grupo. [...] É a autoridade no caso do terno, é a palavra final dentro do terno. A vida do terno passa pelas ordens dele, ele delega funções (Entrevistada 8).

O capitão é o que organiza todo o terno. Tem terno que tem o capitão de bateria, e tem o capitão geral. São três capitães, normalmente são dois, o primeiro capitão, o segundo e o terceiro. O segundo fica com o pessoal dos instrumentos, e outro fica com os dançadores, e o primeiro capitão é o que gerencia tudo. Até é uma coisa interessante que a gente olha o terno assim e a gente não consegue ver a disciplina, método que um atrás do outro e um bate na hora certa e outro e é assim por diante. Mas ali tudo tem uma organização, e quem comanda é o capitão, e é o primeiro capitão é que comanda tudo (Entrevistada 4).

Nota-se, através dos relatos, que cada terno de Congado é marcado por um conjunto particular de regras que delimitam e orientam as ações dos atores sociais envolvidos, conformando suas práticas organizativas. Em termos de hierarquia, podem ser destacadas duas personagens centrais, tendo, de um lado, a figura do presidente e/ou dono do terno, uma posição simbólica de mantenedor da tradição e dos valores do grupo, e de outro, a figura do capitão, como um agente responsável pela organização e direcionamento das ações dos demais membros. Estas e as demais posições, inculcidas pelas tradições do terno, contribuem com suas ações e práticas para um tipo de construção coletiva do organizar, flexível e caracterizada por um viés de informalidade, próprio de outros tipos de organização comumente analisados a partir dessa perspectiva teórica.

Evidentemente, é a partir dessa lógica de funcionamento interno, estruturada por meio de regras, normas, tradições, todo um conjunto de práticas que foram criadas e que foram sendo ressignificadas no decorrer dos anos, que se estabelecem as bases para a configuração de um terno de Congado enquanto espaço organizacional para a manifestação do Congado.

Não obstante, este ambiente não é estático, mantendo um equilíbrio entre tradições e transformações em relação às suas regras de funcionamento, aos seus líderes, à sua composição de membros, o que certamente influi sobre suas perspectivas de sobrevivência futura. Essa dinâmica, por sua vez, é consistente com as afirmações de Schatzki (2006), ao retomar a visão de que a organização existe na medida em que ela acontece, envolvendo o desempenho de ações e de práticas constituintes e a ocorrência de eventos que dão suporte às suas atividades. E é exatamente nesse momento que a organização terno de Congado torna-se objeto de ações estruturantes de seus agentes para a configuração dos festejos que motivam e justificam a sua existência.

O ORGANIZAR ENQUANTO FESTEJOS DE CONGADO

Como exposto, o terno de Congado pode ser visualizado como uma organização, constituída por um conjunto de práticas organizativas que visam, em última instância, promover os festejos de Congado e a promoção, disseminação e valorização da cultura negra e de valores de natureza religiosa e cultural. Sendo assim, esses ternos são constituídos enquanto organizações a partir do momento em que são desempenhadas práticas de organizar voltadas para a estruturação de seu objeto principal, ou seja, os festejos e a Congada em si.

Apesar das diferenças e trajetórias históricas distintas dos ternos de Congado estudados, os festejos apresentam um conjunto de similaridades que possibilita a apreensão das práticas organizativas dessas manifestações culturais, artísticas e religiosas. Nesse sentido, a organização da festa perpassa um conjunto de ações e regras de funcionamento, estabelecidas por meio das práticas organizativas de pessoas, e orientadas por certos rituais tradicionais, os quais se estabeleceram como tradições no tempo passado e que não deixam de ser objeto de ressignificações ao longo do tempo. Assim, cabe ressaltar que, apesar de ocorrerem no tempo presente, cada festa é marcada por um arcabouço sócio-histórico, tendo a religião e a tradição um papel fundamental na construção das ações dos agentes e na configuração de suas práticas e dos festejos em si.

A festa, cuja preparação é objeto de árduo trabalho durante todo o decurso do ano por parte da comunidade congadeira, tem seu ápice festivo por volta do dia 13 de maio na cidade pesquisada (data escolhida tendo em vista os festejos de São Benedito e que marca a abolição da escravidão no Brasil). No entanto, a preparação para estes festejos inicia-se muito antes:

Terminou [a festa], a gente já inicia a atividade do próximo ano, e realmente não para mesmo. É feito no mês de junho, a avaliação da festa e ali a gente começa a trabalhar como será realizada a próxima festa e sempre descobrindo e discutindo, reuniões todo primeiro domingo do mês, na [igreja] e geralmente já discutimos já as primeiras coisas, entre as atividades que n[ós] estamos fazendo. [...] A preparação da festa é mais vista a partir de janeiro de cada ano. No final de janeiro e início de fevereiro, os ternos já iniciam a campanha deles. E como é essa campanha? [...] Inicialmente, [...] as pessoas oferecem normalmente para aqueles que realizam a campanha na casa dessas pessoas. [...] Realizamos no-

venas, com terço cantado, e em algumas casas é feito o leilão pra própria comunidade, pra própria região daquele lugar ali. E, com esses leilões, junta com o dinheiro desses leilões, nós utilizamos para estar fazendo a comida. Então é assim desde o começo, desde quando iniciou as festas aqui, que as coisas funcionam dessa forma. [...] Como só isso não é suficiente pra organizar, pra conseguir dinheiro pra fazer uma comida e tudo direitinho, costumamos fazer algum tipo de comissões, alguns eventos pra poder estar conseguindo também levantar esse dinheiro (Entrevistado 2).

Cada terno tem a sua especificidade. Durante o ano, os ternos têm reuniões. [...] Cada terno [mantém] o vínculo com o congadeiro no terço, rezando o terço, e assim o trabalho que existe durante o ano é mais religioso, de efetuar o processo de manter o laço e a afinidade com os congadeiros do que de outras coisas em si. Então vai acontecendo esses encontros (Entrevistada 4).

[...] a preparação mesmo da festa começa mesmo em fevereiro, e em fevereiro tem início as chamadas campanhas, onde a gente pega a imagem de São Benedito e vai de casa em casa, fazer a reza do terço, ler a leitura do evangélico, e depois faz um leilão com objetivo de arrecadar recursos. [...] É aquele compromisso de manter uma tradição, de pegá a imagem de São Benedito de ir a casa em casa. E a gente roda na cidade toda. Então a gente está preocupada nesse sentido de manter uma tradição (Entrevistada 8).

Nós já começamos a organizar, você faz o balanço da festa, todos os ternos reúnem a direção, [avalia] o que foi aproveitado, o que não foi, o que pode melhorar ou não. Então, tudo isso é discutido lá dentro. É claro que a gente tem certas dificuldades. Então, a partir do outro ano, já começa os preparativos, por que quando já fez o balanço da festa, aí já vê os pontos negativos, e o que for negativo já tira. Aí alguém pensa numa ideia pra trabalhar, pra melhorar e, durante o ano, a gente vai trazendo ideias pra melhorar (Entrevistada 3).

O momento da festa pode ser compreendido enquanto o ato culminante (principal) de um processo que dura todo um ano. Neste sentido, é compreensível a utilização, no trecho abaixo, dos termos “apogeu” e “ápice” para poder demonstrar a especificidade de tal momento. Nota-se, aí, ainda que metaforicamente, a figura implícita de uma “montanha” que precisa ser “escalada” (“vencida”) ao longo de um longo trajeto (o ano) e que imprime toda uma série de sacrifícios para aqueles que buscam o seu cume. Percebe-se, a partir daí, que a preparação da festa da congada pode ser compreendida enquanto um longo e árduo “caminho” de sacrifícios (que dura o ano todo), culminando em um momento especial de celebração/consagração com um claro caráter de renovação. Esta festa, tal qual o Ano Novo católico, por exemplo, serviria como um momento de renovação das forças físicas e espirituais para o “ano seguinte”. Tal lógica poderia ter, como uma de suas funções, a preparação do indivíduo que participa da festa para a lógica ordinária da vida em seu dia a dia, a qual exige sacrifícios para o alcance das recompensas, e se manifesta enquanto um conjunto dinâmico, árduo e laborioso de práticas que culminam nos festejos de Congado:

[...] a festa em si, é o momento de apogeu [...] de tudo que acontece [...] na

realidade, a festa é a comilança de um ano [...] já está todo mundo preparado para o próximo ano. Então a comilança de todo o processo, é a festa. Então é quando se reúnem todos os ternos da cidade para visitasões, de ternos que recebem visitasões, e quando levanta a bandeira, quando saúda o santo, então é o momento de... é um ritual de renovação, acho o que oficializa mais é uma renovação que faz todo ano, é um ritual mesmo (Entrevistado 08).

O momento de realização da festa é associado, ainda, a um momento de prosperidade, de fartura, incomuns no dia a dia de seus participantes. Nota-se tal realidade na medida em que a festa é associada a um momento de “comilança de um ano”. É importante destacar, ainda, neste ponto, que o uso do termo “comilança” remete-nos a um momento de excessos. Ou seja, a festa não seria, simplesmente, um momento de “comer”, mas “comer em grande quantidade, com fartura”. Seria somente neste momento especial do ano (a festa) que os participantes poderiam dar espaço, não somente ao pecado da gula, mas a uma série de outros pecados. Parte da explicação para esta realidade pode estar relacionada às origens da criação da festa da congada. Tendo sido criada por escravos, a festa configurava-se, em grande parte, num momento de “suspensão” da realidade opressora e dura, comum no dia a dia. “[...] no dia ela começa com alvorada, que é cinco horas da manhã, onde os quartéis se despertam tocando” (Entrevistado 05).

O rito de preparação tem duas funções distintas: a primeira, manter a união do terno, por meio de ações religiosas e de integração entre os congadeiros; a segunda, efetuar as ações para garantir a apresentação do grupo nos festejos de maio. Assim, há toda uma dinâmica, marcada pela tradição e revestida por eventos que visam, de um lado, a preparação religiosa e espiritual do grupo, e de outro, o lado operacional, envolvendo nesse movimento esforços para a arrecadação de recursos para financiar os gastos do terno com a organização do evento. Nessa etapa, ainda, tem-se a preparação dos instrumentos, estandartes, vestuário, enfim, todos os adereços necessários para a apresentação do grupo. Não obstante, tal preparação também envolve uma avaliação crítica e reflexiva das ações anteriores, buscando a melhoria da apresentação do terno, o que permite e contribui para uma renovação do grupo sem perder de vista a questão da tradição. Revelam-se, portanto, um conjunto de práticas organizativas que visam dar sustentação à realização dos festejos do Congado, práticas estas fundamentais enquanto momentos que marcam a trajetória dos agentes e que delimitam, justificam e recompensam suas ações enquanto congadeiros.

Após esse período de preparação, há o momento da festa, também marcado por trajetórias do organizar:

No dia da festa, nós acorda umas 5:00 horas pra comemorada festiva, no quartel, onde é feito uma alvorada e uma queima de fogos, uma alvorada festiva. Então ali, a partir desse momento, os ternos vão se reunir em seus quartéis pra poder iniciar a festa. No [Terno 1], por exemplo, nós reunimos ali e os capitães do terno entregam os instrumentos para os dançadores e aí os dançadores vão receber os instrumentos nas mãos do capitão. Após esse momento aí, é aí que vamos tomar o café da manhã e, depois disso aí, nós subimos pra Igreja pra assistir à missa na parte da manhã. Após a missa, nós temos o hasteamento

da bandeira ,e após esse hasteamento da bandeira, os ternos se apresentam na praça, e essa apresentação de manhã é pra entender que tem um pouco de diferença de canto, de dança, de toque, de ritmos essas coisas todas e isso todinho tem a importância muito grande, por que cada um tem um tocador individual e, quando um está apresentando, os demais aguarda em silêncio para que atenção das pessoas seja voltada para aquele terno que está apresentando. Aí você pode entender o que realmente está cantando, porque você vai assistir, porque os outros estão ali parados, esperando, então a atenção fica voltada pra aquele que está apresentando, então você já consegue entender um pouquinho esse momento. Porque, às vezes, dentro do reinado, que é o ponto principal da congada, a pessoa não consegue entender muito bem as coisas se todos os ternos está tocando ao mesmo tempo, aí as pessoas se confundem um pouquinho. Após essa apresentação de manhã, os ternos vão almoçar em visitas na cidade [...]. Aí, depois do almoço, aí sai pra buscar o reinado, aí volta com o reinado pra igreja, onde monta um circular, onde tem juntos todos os reis e rainhas de todos os ternos e saem pra procissão. Aí é feita a procissão. Aí quando chega a procissão, inicia a missa de encerramento e, após dessa missa, tem o arreamento da bandeira (Entrevistado 2).

A festa em si, é o momento de apogeu, de tudo que acontece. [...] Então é quando se reuni todos os ternos da cidade para visitas, de ternos que recebem visitas, e quando levanta a bandeira, quando saúda o santo, então é o momento de... é um ritual de renovação, acho o que oficializa mais é uma renovação que faz todo o ano, é um ritual mesmo (Entrevistada 4).

[...] São momentos marcantes: tem o hasteamento da bandeira [...] tem o palco, e todo mundo sai da igreja depois da missa e vai fazer o desfile e então tem de ser importante. Então o desfile é importante, porque é a hora que se apresenta o que se foi criado durante o ano, e todo ano tem canto novo, tem dança nova, então é nesse momento, é a hora que se apresenta. É onde o terno se apresenta pra gente e aí tem a dança da abertura, as crianças dançam, então fica todo mundo pensando o que vai ser, [...] então tem essas coisas que também são questão de tradição (Entrevistada 4).

A festa inicia-se pela manhã com o ritual da alvorada. Tal ritual, o qual lembra, em parte, aquele desempenhado no âmbito dos quartéis militares, conclama os congadeiros a reunirem-se nos espaços dos quartéis (dos ternos) para o início da festa. Normalmente, o “toque da alvorada”, no caso específico da festa da congada, é feito pela queima de fogos de artifício. Neste momento, os integrantes dos diversos ternos pegam seus instrumentos e os últimos preparativos da festa são realizados (pequenos concertos nas roupas, por exemplo).

A partir deste momento, o café da manhã é servido nos diversos quartéis e os congadeiros partem para a missa na igreja. Tal momento ritualístico é importante, uma vez que representa, simbolicamente, o sincretismo cultural e religioso presente nas festividades da congada. Trata-se, neste sentido, não de uma missa puramente católica, mas de uma missa “remodelada”, incorporando elementos de outras religiões, bem como de traços da cultura africana.

Findada a missa, os diversos ternos caminham para a praça, onde é realizado o hasteamento da bandeira. Tal ritual, de caráter essencialmente celebrativo e devocional, uma vez que o santo (São Benedito ou Nossa Senhora do Rosário) é parte presente nas bandeiras, tem um impacto emotivo forte em seus participantes. A partir daí, os diversos ternos desfilam na praça com seus cânticos, ritmos, vestimentas e acessórios, carregados de forte caráter simbólico. No que diz respeito aos cânticos, por exemplo, há, conforme pode ser visto no trecho abaixo, um “jogo” entre elementos sagrados e profanos que torna tal manifestação totalmente singular. Há, por assim dizer, uma fusão entre temáticas “puramente” relacionadas ao universo católico (como as músicas louvando São Benedito, por exemplo) e aquelas relacionadas à escravidão ou a outras religiões de matriz africana (músicas voltadas ao caboclo).

[...] no canto, e aparece no jogo do sagrado profano, é muito engraçado, o ano passado, eles tinham uma música que falava do caboclo, ah como era?... Eu não lembro a música, eu sei a música falava assim que, em determinado pedaço, a música fazia louvor ao caboclo, e aqui eles cantaram louvor a São Benedito, e lá eles cantam diferente, então eles fazem esse jogo, eles sabem fazer esse jogo, eles pegam aos detalhes, os detalhes dos bastões são diferentes, as pontas são diferentes, então eles têm o cuidado com essas coisas simbologicamente representa muita coisas para eles, sabe [...] (Entrevistado 08).

Além disso, as vestimentas e acessórios trazem fortes elementos simbólicos (inclusive em suas cores). No caso específico dos bastões, normalmente empunhados pelos capitães dos ternos, os mesmos representariam uma “espada” que os distinguiria dos demais participantes, dando a eles especial destaque. Além disto, tal objeto teria, também, como uma de suas funções, um caráter de garantia de proteção espiritual para os membros participantes do terno (realidade vista, especialmente, junto a capitães de ternos com inspiração em religiões de matriz africana). “[...] Aí, depois do almoço, aí sai pra buscar o reinado, aí volta com o reinado pra igreja onde monta um circular, onde tem juntos todos os reis e rainha de todos os ternos e saem pra procissão, aí é feita a procissão [...] tem o arriamento da bandeira [...]” (Entrevistado 10).

Após o almoço, os ternos buscam seus reinados em seus quartéis e celebram, conjuntamente (em uma corte), a festa, no espaço da praça, no formato de uma procissão. Tal momento, de culminância da festa, encerra-se com o arreamento da bandeira, simbolizando o fim de um ciclo e o início de outro, imputando o caráter cíclico e contínuo dessa dinâmica de organizar.

Todo o conjunto de eventos, desde a alvorada do dia festivo até o encerramento da festa na igreja, é marcado por um conjunto de práticas que trazem, em seu bojo, as tradições, as ações dos atores envolvidos e as transformações que são promovidas ao longo do tempo pelo caráter emergente dessa atividade. Evidentemente, cada um desses eventos carrega em si um todo organizado, revestido pela tradição, pela cultura, pelos valores e pela fé, mas também por uma materialidade expressa em um amplo espectro de instrumentos, vestimentas, ferramentas etc., os quais sintetizam e simbolizam todo esse arcabouço cultural e religioso associado ao Congado.

Há, portanto, uma manifestação cultural, artística e religiosa que, devido a essa tradição, passa a ser vista e (re)interpretada a partir de um simbolismo que não caracteriza o festejo do Congado como um mero acontecimento, mas sim como um ritual de práticas, um processo de organizar, a ser vivenciado e valorizado na cultura local e na vida dos atores envolvidos, e que é colocado em movimento para legitimar a sua própria existência enquanto organização. Dito de outra forma, o Congado não é um acontecimento, um evento isolado, mas sim um objeto resultante de um processo amplo, multifacetado, emergente e inacabado, nos termos colocados por diferentes autores com contribuições importantes para os chamados estudos baseados em práticas. Assim, a festa do Congado configura-se como momento da celebração de uma dinâmica de organizar, possibilitada por meio das práticas organizativas de seus agentes. E o Congado em si se constitui como uma organização, cujos elementos internos constituintes formam um conjunto situado e mediado de práticas de organizar, conformando e moldando coletivamente a realidade organizacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho consistiu em compreender as práticas de organização das festas de Congado realizadas em uma cidade da região do triângulo mineiro, Estado de Minas Gerais. Para tanto, buscou-se empreender uma leitura das ações dos congadeiros à luz de um quadro teórico construído a partir dos conceitos de prática e de organizar (*organizing*), assumindo a organização da festa e a organização dos ternos enquanto um conjunto de práticas marcadas por aspectos culturais e sociais que convergem para a realização do Congado em si e para a manutenção dessa tradição.

Verificou-se que este trabalho permitiu a compreensão de um contexto diverso, dinâmico e multifacetado, marcado por dois momentos de manifestação de práticas organizativas: o organizar dos ternos e o organizar da festa do Congado. A partir disso, diferentes ações dos atores sociais envolvidos contribuem para a configuração desse universo organizacional marcado pela tradição e pela necessidade de sobrevivência, em movimentos contínuos de celebração cultural, artística e religiosa, os quais não se encontram dissociados de aspectos mais materiais e operacionais, como o cotidiano da produção de instrumentos e vestimentas e a dinâmica de realização desses festejos. Assim, revela-se um caráter mais processual do Congado, em que práticas organizativas e práticas culturais, colocadas em uma mesma perspectiva, convergem para a constituição da organização Congado, uma forma própria de organização que é resultado de processos de organizar que são eminentemente dinâmicos, contextuais e dependentes de todo um arcabouço histórico, social, cultural, religioso, e por que não, organizacional.

Portanto, refletindo sobre a temática explorada neste trabalho, conclui-se que as concepções de práticas organizativas e de *organizing* permitem a apreensão de um objeto ainda desconhecido e negligenciado no âmbito da pesquisa em Administração. A abordagem do organizar, através de seus fundamentos ontológicos e epistemológicos, balizados na teoria da prática e em teorias da ação social, possibilita um novo olhar sobre a problemática de organizações alternativas e/ou não-tradicionais. Este novo olhar, por sua vez, pode ser

ilustrado a partir do Congado e de outras manifestações culturais e sociais brasileiras, abrindo espaço para todo um novo movimento de investigações que possibilitem o surgimento de uma nova agenda para pesquisa organizacional. O próprio Congado, enquanto objeto de estudo, constitui espaço fértil para a realização de estudos baseados em práticas, uma vez que o mesmo, devido ao seu caráter histórico, tradicional, cultural e religioso, às suas particularidades de estruturação interna, e à sua dinâmica de funcionamento em termos de organização e festejo, sintetiza elementos como a perspectiva processual, histórica e contextual das práticas, como a interação entre agência e estrutura, como a dinâmica entre aspectos de natureza individual e coletiva, e como a associação da teoria organizacional com outras áreas do conhecimento (como, por exemplo, a religião e a história), relevantes para a teoria da prática e para a abordagem do *organizing*, constituindo possibilidades para a abertura de frentes ainda não exploradas no âmbito desses campos de estudos. O reconhecimento desse potencial poderá, certamente, contribuir para o avanço dos estudos organizacionais e dos estudos baseados em práticas, passando a demandar, a partir disso, maiores elaborações futuras.

NOTA

1 Submetido à RIGS em: nov. 2014. Aceito para publicação em: abr. 2015.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R.; HASSARD, J. Actor-Network Theory, Organizations and Critique: towards a politics of organizing. **Organization**, v. 17, n. 4, p. 419-435, 2010.

ALVES, M. A.; BLIKSTEIN, I. Análise de Narrativa. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 403-428.

ANDRADE, M. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

ARAÚJO, A. M. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BAKKEN, T.; HERNES, T. Organizing is both a Verb and a Noun: Weick meets Whitehead. **Organization Studies**, v. 27, n. 11, p. 1599-1616, nov. 2006.

BERKENBROCK, V. J. A Festa nas Religiões Afro-brasileiras: a verdade torna-se realidade. In: PASSOS, M. A. (Org.). **Festas na Vida - Significados e Imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASCUDO, C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CLEGG, S. R.; HARDY, C. Introdução: Organização e Estudos Organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. **Handbook de Estudos Organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. vol. 1. São Paulo: Atlas,

2006. p. 29-58.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Designing and conducting mixed methods research**. Thousand Oaks: Sage, 2007. 296 p.

CZARNIAWSKA, B. **A Theory of Organizing**. Cheltenham: Edward Elgar, 2008a. 160p.

_____. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008b.

DE LA VILLE, V.-I.; MOUNOUD, E. A narrative approach to strategy as practice: strategy making from texts and narratives. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (*organizing*) para os estudos organizacionais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.

DUARTE, U. C. A Cultura Carnavalesca em Porto Alegre: o espetáculo, a retórica e a organização da festa. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 165-182, 2013.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, set./out. 2011.

FERRETTI, S. F. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP, 1995.

GAIÃO, B. F. S.; LEÃO, A. L. M. S. Muitas festas numa só: a configuração do campo do carnaval do Recife. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 131-144, 2013.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: toward an argumentative understanding of practicing. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 129-144, 2009.

GHERARDI, S. Introduction: The Critical Power of the 'Practice Lens'. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009.

GIRARDELLI, É. da C. **Ternos de Congo de Atibaia**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 89-112.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 303-323.

GODOY, A. S. Fundamentos da Pesquisa Qualitativa. In: TAKAHASHI, A. R. W. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Administração: fundamentos, métodos e uso no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2013. p. 35-50.

GOMES, N. P. de M.; PEREIRA, E. de A. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. Juiz de Fora: MEC/EDUFJF, 1988.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: the challenges of a practice perspective. **Human Relations**, v. 60, n. 1, p. 5-27, 2007.

JOHANNISSON, B. Towards a Practice Theory of Entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 36, n. 2, p. 135-150, mar. 2011.

LUCAS, G. **Os Sons do Rosário: Um estudo etnomusiológico do Congado mineiro – Arturos e jatobá**. São Paulo: USP/ECA, 1999.

ORLIKOWSKI, W. J. Practice in research: phenomenon, perspective and philosophy. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, v. 12, n. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

REED, M. Teorização Organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. **Handbook de Estudos Organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. vol. 1. São Paulo: Atlas, 2006. p. 61-97.

ROULEAU, L. Studying strategizing through narratives of practice. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; SAVIGNY, E. von. (Ed.). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London: Routledge, 2001. p. 10-23.

_____. On organizations as they happen. **Organization studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

_____; KNORR-CETINA, K.; SAVIGNY, E. von. (Ed.). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London: Routledge, 2001. 252p.

SILVA, J. C. G. da. **Negros em Uberlândia e a construção da Congada: Um estudo sobre o Ritual e Segregação Urbana (1940-1970)**. Uberlândia: UFU/FAPEMIG SHA, 1996.

SILVA, R. A. da. **Congada em Dores de Indaiá-MG**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

SOUZA, M. de M. e. **Reis Negros no Brasil Escravista** – História da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

STEYAERT, C. 'Entrepreneurship' as a conceptual attractor? A review of process theories in 20 years of entrepreneurship studies. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 19, n. 6, p. 453-477, dez. 2007.

TOMAZ, L. **Da Senzala à Capela**. Brasília: UNB, 2000.

TURETA, C. **Práticas organizativas em escolas de samba: o setor de harmonia na produção do desfile da Vai-Vai**. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011.

_____; ARAUJO, B. F. V. B. Escolas de Samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 111-129, 2013.

VAARA, E.; WHITTINGTON, R. Strategy-as-practice: Taking Social Practices Seriously. **Academy of Management Annals**, 2012.

VASCONCELOS, A. **Chico Rei**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.

WEICK, K. E. **The social psychology of organizing**. Reading: Addison-Wesley, 1979.

_____; SUTCLIFFE, K. M.; OBSTFELD, D. Organizing and the Process of Sensemaking. **Organization Science**, v. 16, n. 4, p. 409-421, set. 2005.

WHITTINGTON, R. Completing the Practice Turn in Strategy Research. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 613-634, out. 2006.

_____. Practice Perspectives on Strategy: Unifying and Developing a Field. Best Paper Proceedings, **Academy of Management**, Denver, 2002.

_____. Strategy as Practice. **Long Range Planning**, v. 29, p. 731-735, 1996.

Alex Fernando Borges

Doutorando em Administração no Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal de Lavras. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.

Alessandro Gomes Enoque

Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Ciência Política) na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Geras. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.

**Cairo
Mohamad
Ibrahim Katrib**

Doutor em História – Universidade de Brasília. Professor Adjunto da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Uberlândia.

**Luciane
Ribeiro Dias
Gonçalves**

Doutora em Educação – Universidade de Campinas. Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.